



Menstruapps: da datificação de sujeitos menstruantes à biopolítica de si

Nicole Cristine Baumgarten¹

Resumo

Menstruapps são aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e estão presentes nas lojas virtuais para smartphones e vem sendo problematizados pela bibliografia antropológica pelo eixo da gestão dos corpos com sistema reprodutor feminino na era da farmacopornografia, descrita por Paul Preciado. Este trabalho analisa textos produzidos por um dos aplicativos mais baixados nas lojas virtuais do Brasil e que também produz artigos para uma enciclopédia própria. Seguindo uma lógica iniciada no século XX pela indústria do *femcare* com absorventes higiênicos, os aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual se enquadram no eixo do consumo, ocupando um papel ambíguo para os corpos que menstruam: por vezes podem vir significar facilidade e conforto, como também podem se tornar ferramentas de limitação, normatização e redução de sentidos da experiência de menstruar. O menstruapp Clue se coloca nesse cenário com uma campanha massiva em mídias sociais (Instagram, Twitter e TikTok) e com uma proposta de produção de um retorno para as pessoas que menstruam e utilizam o app, através de artigos, de acesso pago pela plataforma para smartphones. Nesse sentido, investigo que tipo de sentidos são atribuídos à menstruação e aos ciclos menstruais por essa empresa. A partir da leitura sistematizada de 150 artigos que compõem a enciclopédia do aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual, Clue, discuto construções contemporâneas de sexo, gênero e sexualidade associados às recentes produções bibliográficas sobre capitalismo de vigilância; quantificação/datificação dos sujeitos; e a biopolítica de si. Então, demonstro a associação da gestão de si com ideias neoliberais de empreendimento, atualização de si, responsabilidade sobre si nos discursos hegemônicos presentes nas democracias liberais e na atual conjuntura brasileira. Nesse sentido, o autoconhecimento aparece de maneira ambígua no campo: se para muitas vertentes do feminismo conhecer a si própria, a própria menstruação, o próprio ciclo menstrual seria uma chave de empoderamento; para as políticas neoliberais é mais uma face da biopolítica e que toma contornos de individualização extrema das experiências corporais. Assim, este menstruapp parece ser uma tecnologia que se coloca numa importante lacuna: o que existe entre o sujeito e o corpo. Compreender o aplicativo como uma forma de mediação significa assumir sua não neutralidade e sua atuação na vida das pessoas que o utilizam.

Palavras-chave: menstruação, gênero, aplicativo de celular, tecnologia.

¹ Graduada e Licenciada em Ciências Sociais pela FFLCH-USP. Mestranda em antropologia social pelo PPGAS-USP.

Introdução

A menstruação, bem como o sistema reprodutor feminino são culturalmente uma rica fonte de produção de sentidos sociais e culturais (Wons 2016). No campo das ciências sociais tais temáticas encontraram e, por vezes, ainda encontram dificuldades em serem consideradas um “objeto de pesquisa”. Daniela Manica (2018) afirma a potência política de afirmarmos o útero, a menstruação e suas respectivas reverberações enquanto parte criativa das ciências sociais, em especial a antropologia.

Neste trabalho visou identificar e reconhecer de que forma o aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual, o *menstruapp*², Clue tem produzido sentidos para o sistema reprodutor feminino e a para menstruação, se valendo de “pesquisas científicas”³ e propagandas em mídias sociais como o Instagram, Twitter, Facebook e TikTok. O aplicativo tematiza a menstruação reconhecendo a necessidade de pesquisa científica a respeito e a construir uma percepção muito particular da menstruação. O aplicativo foi escolhido para a análise etnográfica aprofundada justamente pela imensa quantidade de textos por ele produzidas, permitindo a leitura sistematizada destes textos. A participação nas mídias sociais também permitiu a etnografia online, verificando as interações, comentários e compartilhamentos de usuárias/os/es. Para a presente apresentação, realizei a leitura de 150 artigos publicados em português e mais dez artigos publicados somente em inglês⁴ e a etnografia foi realizada sobretudo na plataforma Instagram⁵.

Além disso, o Clue é um dos poucos aplicativos disponíveis nas lojas virtuais que não presume a cisgeneridade dos sujeitos. Isto é, o aplicativo entende que a menstruação pode acometer também homens trans, pessoas não binárias, intersexuais, além das mulheres cis gênero. Há também o fato de que em uma avaliação feita pela *American College of Obstetricians and Gynecologists* o Clue foi o aplicativo melhor avaliado, por ser o único a se

² O termo é a combinação das palavras “menstruação” e “app” (sigla usada para se referir à aplicativos de celular). Felize e Varon (2018) cunham o termo, Paletta (2019) também o utiliza na dissertação de mestrado “Menstruapps na era farmacopornográfica: aplicativos de monitoramento de ciclo menstrual e interseções entre corpos, máquinas e tecnopolíticas de gênero”.

³ No presente trabalho, coloco entre aspas todos os discursos e termos utilizados pelo próprio aplicativo. Quando me refiro à algum conceito antropológico ou nomenclatura de minha autoria utilizo o itálico.

⁴ O aplicativo e seus textos estão disponíveis em treze idiomas: espanhol, italiano, alemão, dinamarquês, francês, russo, polonês, japonês, chinês, chinês simplificado, coreano, turco e hindi, além do português e inglês.

⁵ O trabalho etnográfico aqui descrito é somente a respeito dos conteúdos produzidos pelo Clue no aplicativo e em mídias sociais. No entanto, a pesquisa também contou com um formulário distribuído em grupos de Facebook, voltados a discussões de saúde e sexualidade de *mulheres*. O formulário recebeu 971 respostas, que posteriormente possibilitaram a realização de 30 entrevistas sobre o uso do aplicativo Clue.

remeter a uma bibliografia médico-científica e por ter em sua equipe médicos profissionais. De acordo com este estudo, cerca de três quartos dos aplicativos presentes na loja virtual da Apple não faziam referência alguma a qualquer bibliografia. Neste estudo, o aplicativo *Clue* foi o melhor avaliado, entre os 20 aplicativos gratuitos mais baixados nos EUA. Além disso, o aplicativo *Clue* tem a autorização do órgão regulatório estadunidense, FDA (Food and Drugs Administration) para atuar como um método contraceptivo⁶.

Outro aspecto revelador desta percepção específica de corpo e menstruação que pretendo problematizar no presente trabalho é o fato da CEO da marca, Ida Tin ser entusiasta ao olhar para a saúde da mulher através de uma ótica científica e, por isso, é explicitado nas políticas de privacidade do aplicativo que os dados ali inseridos estão sendo repassados para colaboração científica nas universidades de Columbia (EUA), Standford (EUA), Kinsey Institute, Indiana University (EUA), Max Planck Gesellschaft (Alemanha) e Oxford (Inglaterra)⁷. No entanto, a ideia de que estes dados são utilizados de maneira científica é abordada de maneira genérica, não explicitando exatamente para quais pesquisadores esses dados são fornecidos e nem para que tipo de pesquisa. A ciência aparece no discurso do próprio *app* enquanto legitimador de sua existência e também de sua inocência frente outros *menstruapps* que não prestam contas sobre suas políticas de privacidade. Em 2016 a organização inglesa *Privacy International* revelou em estudo sobre aplicativos de monitoramento da menstruação que o *Clue* também continha problemas nas políticas de privacidade, como por exemplo, nenhuma informação sobre cookies durante o uso do dispositivo. A contradição entre a afirmação presente em várias interfaces do aplicativo de “não ganhamos dinheiro vendendo seus dados” e os problemas acima citados também se fazem presentes ao problematizar a possibilidade de produzir tecnologias feministas que de fato visem a uma interação de qualidade com o próprio corpo. Há de se levar em conta também as disparidades de poder entre aqueles que programam e vendem o aplicativo e aqueles que o utilizam.

Ida Tin também é responsável por cunhar o termo “*femtech*”, que se refere às *start-ups* (um modelo de empresas repetível e escalável e de certo risco) que associam alta tecnologia e questões referentes à feminilidade e saúde da mulher. A empresária dinamarquesa se orgulha muito de ter realizado tal invenção e em buscas pela internet é muito fácil encontrar entrevistas

⁶ <https://helloclue.com/the-science-of-clue-birth-control> (acesso em 13 de novembro de 2021).

⁷ <https://helloclue.com/articles/about-clue/scientific-research-at-clue> (acesso 29/03/2021)

(escritas e filmadas) em que ela expõe suas visões sobre a intersecção entre gênero e tecnologia e as possibilidades deste tipo de negócio. Atualmente, as *femtech* tem uma projeção de mobilizar cerca de 50 bilhões de dólares até 2025⁸ – vinte e cinco vezes o valor que absorventes e pílulas anticoncepcionais mobilizaram no final do século passado, com a *femcare* – e contam com tecnologias díspares, como coletor de leite materno digitalizado⁹ e monitoramento de fertilidade¹⁰, *menstruapps*, “soluções para a menopausa”, exercícios para o assoalho pélvico e até mesmo diagnósticos médicos. Todos estes serviços contam com seus respectivos aplicativos para seu funcionamento, são construídos junto de plataformas digitais (por vezes associadas a chips que monitoram o volume de sangue presente no coletor menstrual, por exemplo) e mediante uma inscrição que vincula endereço eletrônico e mais algumas “informações básicas”.

Muito embora a maioria destas empresas estejam presentes majoritariamente nos mercados norte-americano e europeu, não é apenas uma questão de tempo, mas de estratégia, o seu avanço pelo sul global. Um notório exemplo é a *femtech* MobileODT¹¹ destinada a detectar o câncer de colo de útero precocemente: criada em Tel Aviv o seu uso amplo foi feito no último ano na República Dominicana, diante de uma campanha governamental de prevenção deste tipo de câncer. O caso se assemelha muito aos testes de pílulas anticoncepcionais conduzidos em Porto Rico por farmacêuticas estadunidenses, como descreve Preciado (2018). O próprio Clue segue este circuito. De origem alemã, com sua matriz em Berlim, o Clue fala em “saúde global das mulheres” e está disponível em diversos países. Com legislações diferentes sobre políticas de dados e também entendimentos muito distintos do que é a menstruação e que tipos de cuidados com o corpo que menstrua são necessários.

Neste sentido, é digna de nota a quantidade de dados que pode ser adicionada: quantos dias dura a menstruação, a intensidade do fluxo, em que dias houve relações sexuais, se estas relações foram protegidas com preservativos ou não, são as mais comuns. Também é possível alimentar o aplicativo com informações sobre o humor, prática de esportes, vontade de comer doces, dores de cabeça, cólicas, enjoos, libido, se a relação sexual levou ao orgasmo (e em qual

⁸ O jornal americano NY Times aponta a o poder econômico das Femtechs no mercado da saúde. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/04/07/health/femtech-women-health-care.html?referringSource=articleShare>; acesso em 08/04/2021

⁹ A marca Willow desde de 2014 fornece coletores de leites maternos digitalizados que inclusive avaliam a qualidade do leite, conectados a aplicativos de celulares: <https://willowpump.com/>. Acesso em 10/01/2021.

¹⁰ Marcas como Ava e Glow também prometem um monitoramento preciso de fertilidade e com dados disponibilizados em aplicativos de celular: <https://glowing.com/>; <https://www.avawomen.com/>. Acesso em 10/01/2021.

¹¹ <https://www.mobileodt.com/>. Acesso em 09/04/2021.

posição o orgasmo foi atingido), horas de sono, sociabilidade (briguenta, apoiadora, sociável, introvertida), atenção nas atividades cotidianas, motivação, alterações no peso, pele e cabelo, muco, digestão, eventos como festas (incluindo o consumo de álcool e cigarros). A promessa é de que com mais informações o aplicativo “ficará inteligente” e poderá calcular exatamente se uma dor de cabeça é TPM ou uma questão independente do ciclo menstrual, por exemplo. Além disso, outra característica comum à maioria dos aplicativos é que para utilizá-los requer-se necessariamente a criação de uma conta pessoal, geralmente associada ao e-mail ou ao *Facebook* e mais algumas “informações básicas”, como a data de nascimento. Nesse cruzamento entre plataformas: *Facebook* e *menstruapp* ou e-mail e *menstruapp* existe um enorme compartilhamento de dados, em que perfis traçados se tornam cada vez mais específicos, amplificando o processo de datificação dos sujeitos e relações (Couldry & Mejias 2018). A problematização sobre os usos indiscriminados de dados pessoais e sensíveis, bem como a criação de duplos digitais (Bruno 2006) são um campo importante das ciências e também estarão contemplados na minha pesquisa de mestrado, no entanto não pretendo aprofundá-la aqui.

Diante dos fatos expostos acima tenho uma preocupação antropológica no sentido de produção de um sentido único do que é menstruar e o que deve ser feito com o corpo que menstrua. A disputa entre a quem pertencem os dados coletados pelo *menstruapp*: ao aplicativo ou aos sujeitos que menstruam trata-se de um debate entre público e privado, mas a questão não se limita a se debate, quando pensamos em saberes localizados (Haraway 1995) e descrição etnográfica de forma mais ampla. Trata-se também de todas as metáforas implicadas na (re)produção do corpo. Neste sentido, afirmo a posição de que as ontologias do corpo são múltiplas, bem como as técnicas nele aplicadas (Mol 2002).

As dicas do Clue

Começo essa seção partindo do próprio nome do aplicativo, do inglês *Clue*, que significa uma dica ou uma pista. Durante a leitura sistematizada dos artigos já citados, disponíveis mediante pagamento (R\$43,90/ano), observei várias dicas do que a menstruação pode significar em corpos femininos, trans-masculinos, não-binários e gêneros-neutro no contexto de monitoramento via aplicativos de saúde.

Retomo aqui o trabalho de Joan Brumberg (1990) que avalia a entrada dos produtos menstruais nos Estados Unidos na segunda metade do século XX. Neste momento, a

escolarização passa a ter um papel central na associação entre a menstruação certa noção de higiene e de medicalização dos corpos das jovens. Brumberg ainda demonstra como os absorventes descartáveis foram pensados para uma classe média urbanizada e que acessar este tipo de produto se tornou um “badge of status”, ou seja, um modo de distinção social. No Brasil, atualmente existem muitas discussões na esfera pública sobre pobreza menstrual e o acesso à absorventes pelas camadas mais pobres e vulneráveis da população e como o acesso a tais produtos significaria “dignidade menstrual” para tais pessoas¹². Nesse sentido, é importante ressaltar que os absorventes foram concebidos como um produto para uma classe social específica e que produziram uma maneira “moderna” de menstruar. Tal reflexão se relaciona com a discussão sobre os aplicativos de menstruação na medida em que estes também são destinados ao mesmo público que a indústria dos absorventes se destinava no final do século XX. Isto é, camadas médias e escolarizadas da população¹³.

Os textos do aplicativo comumente abordam um léxico que associa o ato de se conhecer com “empoderamento” e “autoconfiança”, e sugerem que esta tecnologia seria a melhor forma de alcançar este conhecimento. As autoras Rosalind Gill e Shani Ogard (2015) problematizam a categoria “confiança” no que elas chamam de *pós-feminismo*. É lançado um olhar crítico à cultura de mídia para avaliar como o *pós-feminismo* se constrói enquanto uma certa sensibilidade midiática de prever as críticas feministas e partir delas produzir uma normatização de gênero bastante específica e alinhada com valores individualistas e neoliberais. Isto teria acontecido em meados dos anos 90, porque diferente de décadas anteriores o feminismo agora já faz parte do campo cultural. A autora também comenta como revistas para mulheres e adolescentes ensinam o sexo e o desejo como práticas de um trabalho corporal de auto regulação, vigilância e trabalho emocional. Deste modo, “confiança”, “autoestima”, “autoconfiança” são terminologias que configuram um vocabulário que se apropria de ideais feministas como independência ou a autodeterminação feminina com o fim de incentivar soluções individuais para problemas coletivos, reforçando o consumo e o trabalho no corpo

¹²As discussões sobre pobreza menstrual têm atravessado o meu campo de pesquisa a todo momento, no entanto gostaria de me ater mais ao contexto das tecnologias de menstruar e suas implicações. Pretendo em outro momento desenvolver maiores reflexões sobre tal assunto, que também merece a devida atenção. Sobre os debates na esfera pública sobre a “pobreza menstrual”: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/o-que-e-pobreza-menstrual-e-por-que-ela-afasta-estudantes-das-escolas> (acesso em 26/10/2021).

¹³Retiro essa afirmação do formulário citado na nota X. Tal pesquisa demonstrou a alta escolaridade (em que apenas 0,5% das respostas indicavam ensino básico incompleto, enquanto mais de 63,8% possuíam ensino superior completo) e também habitação em zonas urbanas e metropolitanas (76% das respostas). Eu pretendo divulgar tais informações na íntegra mais adiante da minha pesquisa de mestrado.

como formas de exercer a “confiança”.

Os textos do Clue no seu formato lembram bastante textos comumente publicados em revistas voltadas para o público feminino, com a diferença de que quase todos possuem indicam para pesquisas científicas como referencial bibliográfico. Deste modo, são textos informativos, com referenciais bibliográficos, sobretudo da área médica. No entanto, não deixam também de fazer sugestões de consumo no interior desses textos, como por exemplo nos dois trechos retirados de textos sobre a TPM:

“Monitorar rigorosamente seus sintomas em nosso app pode te ajudar a ter um panorama de como você se sente física e emocionalmente todos os dias, ajudando você a observar padrões nos seus sintomas pré-menstruais”¹⁴

“a melhor maneira de saber como a TPM impacta seu humor e seu corpo é monitorar com o Clue app como você se sente”¹⁵

Ambos os trechos aparecem no meio de dois textos diferentes que trazem informações científicas sobre a TPM e dão uma orientação direta de como gerir o corpo que menstrua. O plano individual, isto é, a autovigilância aparece aqui como uma forma de positivar os sintomas relacionados ao ciclo menstrual. Os textos do aplicativo dão a entender que a autovigilância/automonиторamento são sinônimos de autoconhecimento, e portanto, de um corpo saudável. Deste modo, há uma sobreposição entre sugestões pela autovigilância ao mesmo tempo que há um discurso amigável, e algumas vezes, alinhado com o feminismo e ilustrado de forma divertida. Os artigos também são sempre ilustrados com desenhos que comunicam a identidade visual do aplicativo, costumam ser bem coloridos, fugindo da associação sexista da cor de rosa com a feminilidade e também sem usar eufemismos, descrevendo o sangue menstrual como vermelho. Há também um posicionamento muito forte em relação à desmistificação do fenômeno menstruação presente nas publicações.

“Já precisou falar com alguém sobre menstruação, mas não sabia como? Agora

¹⁴Clue, 26 de agosto de 2015. [<https://helloclue.com/pt/artigos/tpm-e-tdpm/os-3-maiores-mitos-sobre-a-tpm> – acesso em 15 de outubro de 2021].

¹⁵Clue, 12 de dezembro de 2016. [<https://helloclue.com/pt/artigos/tpm-e-tdpm/sintomas-positivos-da-tpm> – acesso em 18 de outubro de 2021].

européia; e de um cifrão, se remetendo à um dólar) em sequência.

Interpreto esses desenhos como uma alusão financeira inscrita numa parte tão visceral nos seres humanos: o útero, que é um órgão interno alvo de disputas pelo seu significado e simbologia. Mesmo no interior do feminismo existem disputas se o útero é uma boa metonímia da feminilidade ou do “ser mulher”. Para o Clue, como eles colocam nos seus artigos, é possível falar de menstruação sem se ater a um gênero especificamente, reconhecendo a menstruação como algo que ocorre em pessoas de gênero neutro, não-binárias e homens trans. No entanto, o que está sendo sugerido nesta ilustração é que devemos falar de úteros nos atendo também a questões financeiras. Atualmente, a bibliografia das ciências sociais tem categorizado como uma prática neoliberal tal transformação dos fenômenos humanos em métricas econômicas (Andrade 2019; Bourcier 2020).

Ademais os trabalhos de Paul Preciado (2018) demonstram a importância de certa gestão dos corpos e do sexo para o funcionamento do capitalismo, o que o autor chama de era farmacopornográfica, que seria por um lado a forma como a indústria farmacêutica com hormônios sintéticos, próteses e Viagra conseguiram produzir a materialidade do sexo e por outro lado como a indústria pornográfica (que o autor entende de maneira mais ampla, como toda a cultura de mídia) produziu a circulação de imagens e de identidades sexuais. Um menstruapp de certa forma está associado tanto ao “fármaco”, ao representar uma espécie de prótese, quanto o “pornográfico” ao produzir imagens e identidades sexuais e de gênero. Voltando à imagem, há no ovário direito uma caixa de lenços e um coração em formato de cadeado – algo que se refere à emotividade comumente associada ao período menstrual e no outro ovário há um processador de computador, como uma CPU e no útero bem ao centro há um furacão e um pouco acima, alinhados e em pontos simétricos temos um Dispositivo intrauterino (DIU) e o cérebro, ocupando o mesmo local de uma gestão racional da reprodução, por uma prótese. Preciado ainda aponta o potencial econômico que ser homem, mulher, gay, bi, trans, cis se tornou na era farmacopornográfica. Tais identidades são *núcleos biopolíticos*, que formulam saberes sobre si. Neste sentido, a *programação de gênero* se refere a este modelo neoliberal psicopolítico da subjetividade:

que potencializa a produção de sujeitos que pensam a si mesmo e agem como corpos individuais, que se autocompreendem como espaços e propriedades biológicas privadas com uma identidade de gênero e uma sexualidade fixa. (Preciado 2018: 127).

Os fatos, imagens e descrições que demonstrei até agora têm me levado a fazer questionamentos mais amplos a respeito do momento do capitalismo que estamos vivenciando hoje em dia. Isto é, terminologias como a de Zuboff (2019) sobre o capitalismo de vigilância; sobre a era farmacopornográfica, de Preciado (2018); sobre a datificação dos corpos e relações de Couldry e Mejias (2018); e sobre a quantificação dos sujeitos e pacientes de Lupton (2016) têm me levado a refletir a necessidade antropológica de descrever minuciosamente estes processos, para além da simples nomeação de tais fenômenos. Isto é, não acredito que apenas afirmar “isso é neoliberalismo”; “isso é vigilância de corpos para fins mercadológicos e financeiros” seja suficiente do ponto de vista acadêmico e político. É necessário demonstrar como se dão essas relações e quais os problemas aqui presentes.

Mais do que confirmar a biopolítica enunciado por Michel Foucault (2005), que corpos são geridos e que esta gestão está apoiada em valores neoliberais, gostaria aqui de propor uma visão mais antropológica que observa os modos, os processos e as negociações que fazem possível a execução desta biopolítica. Isto é, existiram e existem relações que por hora culpam a “natureza” e hora culpam a “cultura” e a “sociedade” para que tornar possível a entrada de tantas corporações na gestão do corpo que menstrua. Isto é, não pretendo aqui tornar um conceito analítico (*neoliberalismo*) em uma categoria acusatória.

A partir da inspiração etnográfica de Veena Das (2020), que se dedicou ao olhar o *cotidiano* para entender a formação generificada do estado indiano após a Partição da Índia em 1947, o que proponho aqui a olhar de perto como se dá a biopolítica e o que nas ciências sociais se convencionou chamar de “neoliberalismo” (Andrade 2019). Para tanto, retomo o que Nikolas Rose (2001) aponta como a *identidade biológica* (tradução minha) atrelada a ideias neoliberais como empreendimento, atualização de si, responsabilidade sobre si nos discursos hegemônicos contemporâneos das democracias liberais. Isto é, como um tipo de *ethos* pessoal é incentivado por imperativos governamentais associados ao liberalismo. Nesse sentido, o autoconhecimento aparece de maneira ambígua no campo que venho construindo: se para muitas vertentes do feminismo conhecer a si própria, a própria menstruação, o próprio ciclo menstrual seriam uma chave de libertação (de valores machistas, da subordinação violenta e patriarcal); para as políticas neoliberais é mais uma face da gestão de corporativa de corpos e que toma como principal contorno a individualização extrema das experiências corporais. É nessa fronteira de significados que autoconhecimento aparece nos discursos do aplicativo, nos textos da enciclopédia e do site do aplicativo *Clue*. Até o presente momento ao ler estes textos a ambiguidade de sentidos e a torção de conceitos é o que mais me chama atenção. Esta

ambiguidade do que significa “autoconhecimento” é uma parte fundamental dos processos, negociações, percepções de corpos, que os tornam metrificáveis, vendíveis, vigiáveis e por vezes, abandonados, desconfortáveis (como por vezes, minhas interlocutoras tem descrito o ato de menstruar). Os discursos no aplicativo apontam para um corpo biológico que pode ser gerido pelos indivíduos. Sendo sempre uma gestão produtiva e positiva do corpo, como a pensada pelo pensador de teorias da comunicação Byung-Chul Han (2017 e 2018)

Ao identificar os processos, através de discursos (presentes no aplicativo) e abandonos (descritos pelas minhas interlocutoras) o questionamento principal tem me ocorrido: O que faz dessa gestão de corpos uma gestão neoliberal e o que a gestão neoliberal faz com os corpos? Nikolas Rose (2001) aponta como elementos biomédicos se tornaram cada vez mais associados a um melhoramento de si e, por conseguinte, tratar o corpo enquanto um objeto biológico passível de auto empreendimento. Percebo uma extrema individualização dos processos, como por exemplo, a ideia de que monitorar a si própria seja uma escolha de autocuidado. Em um estudo sobre a recente recusa de mulheres cis gênero de classe média e classes altas à pílula anticoncepcional, a antropóloga Virginia Rodrigues aponta como muitas mulheres desejam conhecer a si próprias através da menstruação. E ainda faz a seguinte consideração sobre o cuidado de si, enquanto um aspecto da biopolítica e como uma forma específica da biossocialidade:

Por mais que exista uma preocupação em relação aos efeitos colaterais da pílula anticoncepcional e seus possíveis riscos à saúde, também foi possível perceber que o desejo por ser mais saudável encontra-se atrelado às práticas de melhoramento de si (Rodrigues 2021: 101).

Agora, sobre aplicativos de monitoramento da menstruação (o Clue incluso) e aplicativos de monitoramento da gravidez as antropólogas Gabriela Paletta, Daniela Manica e Marina Nucci também fazem a seguinte reflexão:

Os aplicativos aqui descritos atualizam discussões das perspectivas feministas sobre corpo, saúde e gênero, e suas relações com tecnologias. Contribuem para reforçar e reificar noções essencializantes sobre os corpos femininos como cíclicos, instáveis, destinados à gestação (que deve ser programada e observada). Corpos que precisam ser monitorados e controlados em suas funções férteis e reprodutivas. Com suas interfaces convidativas, os aplicativos de ciclo menstrual e gravidez seduzem usuárias para um exercício compartilhado desse monitoramento. Fornecem às usuárias uma concentração informacional de dados sobre sua saúde e fertilidade, sobre seu funcionamento

corporal, seus hábitos, sentimentos, humores, sua vida sexual, sobre como deve estar seu bebê. Tudo isso em troca da sua circulação nos respectivos bancos de dados das empresas que os criaram (Paletta, Manica & Nucci 2020: 36, *grifos meus*).

Ao tomarem o Clue e mais três outros aplicativos como ponto de partida, as autoras também identificam o aspecto central de um emaranhamento entre gênero e os auto rastreamento, enquanto um aspecto de trabalhar a si própria de maneira eficiente, ou seja, uma boa gestão dos indivíduos.

Considerações finais

Ao longo do trabalho procurei demonstrar uma associação entre o cuidado de si e a inserção de corporações/empresas na mediação que indivíduos têm com o próprio corpo. Tal relação tem sido descrita pela antropologia e precisa de especial cuidado no que diz respeito à uma visão uniformizante e unificadora do ato de menstruar. Há ainda certa ambiguidade entre o que significa conhecer a si própria com o auxílio do aplicativo e o que significa vigilância e disciplinamento de corpos. Lembrando é claro, que ao acionarmos categorias como vigilância, é também necessário analisar quais corpos estão sob escrutínio das relações de saber e poder (Foucault 1999) e quais corpos que se beneficiam de íntimas relações privatizadas da intimidade.

De acordo com a bibliografia dos estudos de gênero aqui elaborada é possível afirmar que tanto sexo, quanto gênero são construtos sociais e epistêmicos que produzem estruturas e hierarquias de poder nas sociedades. Ao avaliarmos as sociedades capitalistas da segunda metade do século XX até os dias de hoje, também é possível afirmar as profundas relações entre as clivagens de gênero e clivagens econômicas, que muitas vezes acabam por representar o acesso a direitos. Além disso, do ponto de vista dos marcadores sociais da diferença (Simões et. al. 2018) é possível afirmar que dispositivos como um aplicativo de monitoramento do ciclo menstrual está associado com subjetividades marcadas por gênero, classe social e escolaridade.

Referências

ANDRADE, D. 2019. “O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais”. *Revista Sociedade e Estado*, 34(1): 211-239.

BOURCIER, S. 2020. *Homo Inc.Orporated- O triangulo e o unicórnio que peida*. São Paulo: N-1 edições.

BRUNO, F. 2006. “Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas”. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, VIII(2): 152-159.

COULDRY, N. & MEJIAS, U. 2018. *Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. Television and New Media* (In Press).

DAS, V. 2020. *Vidas e Palavras. A violência e a sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora Unifesp.

FELIZE, N.; VARON, J. (s/d). “O que é o Chupadados e por onde anda essa entidade?” Disponível em <https://chupadados.codingrights.org/introducao/> Último acesso em 23/07/2019.

FELIZE, N.; VARON, J. 2017. “Menstruapps: Como transformar sua menstruação em dinheiro”. Disponível em <https://chupadados.codingrights.org/menstruapps-como-transformarsua-menstruacao-em-dinheiro-para-os-outros/> Último acesso em 23/07/2019

HARAWAY, D. 2009 [1985]. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: HARAWAY, D. et al., *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós humano*. Belo Horizonte: Autêntica.

HARAWAY, D. 1995 [1988]. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, 5: 7-41.

HAN, B.-C. 2017. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes.

HAN, B.-C. 2017b. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Editora Vozes.

HAN, B.-C. 2017c. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Editora Vozes.

HAN, B.-C. 2018a. *Psicopolítica*. Belo Horizonte: Editora Ayné.

JACOBS BRUMBERG, J. 1997. *The Body Project: An Intimate History of American Girls*. New York: Random House.

LUPTON, D. 2016. *The quantified self*. Malden: Polity.

MANICA, D. 2011. “A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência”. *Horizontes Antropológicos*, 17(35): 197-226.

MANICA, D. 2018. “Estranhas entranhas: de antropologias, e úteros”. *Amazônica - Revista de Antropologia*, 10(1): 22-41. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5852>>.

MOL, A. 2002. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham/London: Duke University Press.

PALETTA, G. 2019. *Menstruapps na era farmacopornográfica: aplicativos de monitoramento de ciclo menstrual e interseções entrecorpos, máquinas e tecnopolíticas de gênero*. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia. IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PALETTA, G. C.; NUCCI, M. F. & MANICA, D. T. 2020. “Aplicativos de monitoramento do ciclo menstrual e da gravidez: corpo, gênero, saúde e tecnologias da informação”. *Cadernos Pagu*, 59: e205908. Disponível em

621

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332020000200217&lng=pt&nrm=iso>.

PRECIADO, P. 2018. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições.

RODRIGUES, V. S. 2021. “Entre os riscos e os benefícios da pílula anticoncepcional: os processos de subjetivação dos cuidados de si”. In: ALBINO, C. & OLIVEIRA, J. (orgs.), *Sáude e políticas da vida*. Recife: Editora Seriguêla, pp. 77-116.

ROSE, N. 2001. “The Politics of Life Itself”. *Theory, Culture and Society*, 18(6):1-30.

SIMÕES, J. A.; ALMEIDA, H. B. de; MOUTINHO, L. & SCHWARCZ, L. M. 2018. “Numas, 10 anos: um exercício de memória coletiva”. In: SAGGESE, G.; MARINI, M.; LORENZO, R. A.; SIMÕES, J. A. & CANCELA, C.D. (orgs.), *Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica*. São Paulo: Terceiro Nome/Gramma, pp. 9-30.

WONS, L. 2016. “O poder simbólico da menstruação: discursos científicos sob o escrutínio das epistemologias feministas”. *Revista Feminismos*, 4(1): 41-52.

ZUBOFF, S. 2019. *The Age of Surveillance Capitalism: the Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: Public Affairs.